

Euro-Atlântico:
Espaço de Diálogos
Isabel Maria Freitas Valente
Iranilson Buriti de Oliveira
(Coord)

VISÕES INTERDISCIPLINARES DA EUROPA E DO MUNDO:

uma experiência de convergência
disciplinar em homenagem a
Maria Manuela Tavares Ribeiro

Alexandra Aragão
Isabel Maria Freitas Valente
Dulce Lopes
(org.)

Editora da Universidade Federal de Campina Grande
Imprensa da Universidade de Coimbra
2019

“ESTADOS UNIDOS E EUROPA: ENTRE PARCERIA E ISOLACIONISMO”, UMA VISÃO DESDE A GEOGRAFIA

João Luís J. Fernandes

Entre o final do século XIX e 1954, terão passado por Ellis Island, ao largo de Manhattan, cerca de 12 milhões de imigrantes em direção aos EUA, provenientes de muitas regiões do mundo, em particular a Europa. Para aquela ilha-fronteira localizada na foz do Hudson River dirigem-se agora turistas que, num exercício de memória, refazem em sentido inverso os caminhos dos antepassados. Depois de identificaram o nome do familiar no muro que evoca e patrimonializa aquele movimento migratório, estes turistas de celebração da identidade seguem para os lugares de origem e partida, em muitos casos outra ilha – a Irlanda.

Logo depois da II Guerra Mundial, está também documentada a chegada de viajantes norte-americanos ao continente europeu. Um turismo transatlântico movido por interesses políticos foi um meio de afirmação dos EUA na Europa e um instrumento de ‘poder suave’ (soft power) que estabilizou o território e o auxiliou na aproximação aos valores da democracia liberal.

Mas regressemos à Irlanda, mais uma vez a um território insular e a outro espaço de memória. Em Valentia Island, uma placa celebra um evento de 1858- a primeira mensagem de teleférico trocada entre os dois continentes. Como escreveu Stefan Zweig, este foi um dos grandes momentos da humanidade.

Façamos a viagem de volta à costa ocidental dos EUA, a cidades como New York ou New Bedford, às geografias de celebração do St. Patrick ou do “Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas”, com parades e manifestações de identidades de matriz europeia que aqui se territorializam.

Continuemos nos EUA, mais a sul, no Estado do Texas e numa cidade de Paris que parece evocar a capital francesa. Para além de uma geografia simbólica representada por um cineasta europeu (Wim Wenders), nesta anatópia parisiense encenou-se um geossímbolo, uma

Torre Eiffel kitsch à qual se acrescentou um chapéu texano que coroa este ícone urbano estilizado.

Como nos mostra, na perspetiva das Relações Internacionais, o muito profundo e documentado texto de Miguel Rocha, a cooperação transatlântica, na sua vertente mais formal, tem passado por altos e baixos, com uma flutuação sensível que oscila ao sabor das opções políticas.

No entanto, as pontes entre as duas margens do Atlântico Norte estão para além da esfera institucional e política, foram traçadas por mobilidades que continuam a unir territórios que, nas novas conceções de demarcação geográfica, nem estão longe nem separados. Nas fronteiras multidimensionais que nos habituámos a ler a partir das problematizações de Adriano Moreira, nas quais aos limites políticos não correspondem os económicos, nem estes aos de segurança e aos culturais, a Europa e a América do Norte são territórios de proximidade e vizinhança. Mesmo numa leitura cartográfica mais plana, o Atlântico Norte não é um mero espaço de transição e viagem, é um território contínuo no qual países como Portugal confinam com os EUA e o Canadá, colocando, lado a lado, os limites das Zonas Económicas Exclusivas, das Plataformas Continentais, das Search and Rescue Regions (SRR) ou das Fly Information Regions (FIR), desconstruindo a perceção e os mapas mentais que consideram Espanha como a única vizinhança do Estado português.

Talvez estas cartografias de continuidade sejam uma garantia de confiança e uma das condições para a solidez do Atlântico Norte, por comparação com as incertezas e instabilidades que se notam mais a sul, no Atlântico Meridional, com margens mais turbulentas e fluxos difíceis de regular.

Não convém ignorar o potencial disruptivo das alterações climáticas e da deslocação de alguns centros gravitacionais de poder para o Pacífico. Não é possível desconsiderar o modo como o sistema internacional é hoje um complexo campo de interação entre atores estatais e não estatais. Apesar disso, aos olhos da Geografia Cultural e Política, entre escalas espaciais e temporais variadas, entre referenciais

elásticos, flexíveis e porosos que vão oscilando ao ritmo das conjunturas políticas, existe uma base transatlântica sedimentada que perdura e faz do Atlântico um espaço geográfico de interdependências e influências múltiplas no qual Portugal, e um território como o Arquipélago dos Açores, desempenhará sempre um papel central.

O texto que Miguel Rocha nos apresenta é, por tudo isso, um estimulante objeto de reflexão que nos abre um vasto campo de debate sobre os diferentes níveis de proximidade e/ou afastamento entre territórios, que nos remetem para o sentido polissémico da distância, na qual a política formal será apenas um dos domínios a considerar.